

## RESUMO/ABSTRACT

### **SITUAÇÕES CULTURAIS NA AMERICA LATINA:**

#### **ALGUNS EXEMPLOS**

Discute-se a terminologia empregada hoje nos Estudos Culturais salientando a realidade dos “brasiguaios”, “dos chicanos”, e a situação do “spanglish”, como também uma reflexão dos diversos padrões culturais presentes no poema “Língua”, de Caetano Veloso.

**Palavras-chave:** brasiguaios, chicanos, spanglish.

### **CULTURAL SITUATIONS IN LATIN AMERICA:**

#### **SOME EXAMPLES**

We aim to discuss the terminology at use in Cultural Studies nowadays, highlightening the reality of the “brasiguaios” and the “chicanos”, along with the situation of the “spanglish”, as well as attempting a reflexion on the various cultural patterns present on the poem “Língua”, by Caetano Veloso.

**Keywords:** “brasiguaios”, “chicanos”, “spanglish”.



## SITUAÇÕES CULTURAIS NA AMERICA LATINA: ALGUNS EXEMPLOS

*Sara Almarza*

Professora da Universidade de Brasília  
salmarza@unb.br

A complexidade no estudo da formação do comportamento de um grupo social ou de uma sociedade leva-nos a empregar ferramentas conceituais que tentam esclarecer a contínua transformação das manifestações culturais e como estas se adaptam às novas circunstâncias. Historicamente, tem acontecido que nos processos bélicos e de conquista, um povo domina outro e, por intermédio desse contato direto, impõem-se a língua, as crenças e os costumes do grupo dominante. Este processo é denominado aculturação, termo cunhado pelos sociólogos norte-americanos.

O fenômeno da aculturação ocorre de forma unidirecional, mas há que se levar em conta que a cultura invasora não chega nunca a aniquilar, na cultura primeira, comportamentos enraizados profundamente. Por isso parece-me um conceito pouco consistente para o estudo sobre a América, pois no caso do encontro entre europeus e povos indígenas, inicia-se um processo dinâmico e constante de trocas culturais, intensamente marcado pela reciprocidade. Os europeus encontraram um continente com variadas e arraigadas culturas, com comportamentos resistentes, significativas construções arquitetônicas e cidades ancestrais, algumas das quais persistem até hoje como Uxmal e Chichèn-Itzá, no México.

Quando os estudos antropológicos, em relação ao continente americano, começam a surgir, especialmente no mundo anglo-saxão, na primeira metade do século XX, os processos de intercâmbio cultural que aconteceram na América passam a ser analisados sob a perspectiva de uma aculturação.

Entretanto, a antropologia latino-americana questionou posteriormente o termo, e foi necessário repensar o olhar para se estudar nossa região. O cubano Fernando Ortiz propôs um novo ponto de vista para se entender o diálogo cultural que começou a se produzir na América a partir de 1492. É evidente que as culturas indígenas não foram eliminadas, e o entendimento de como cosmovisões tão diversas pudessem se encontrar e se mesclar exigiu a formulação de novas ferramentas de análise. Assim, as diferentes fases no “processo de trânsito de uma cultura para outra” foram entendidas como processos de transculturação – termo cunhado por Ortiz –, conceito que tem o intuito de indicar a dinâmica de transformação que envolve o encontro de duas ou mais culturas. O antropólogo cubano explicou que, se entre as culturas dá-se uma perda, há, ao mesmo tempo, a criação, nas duas, de novos fenômenos culturais (ORTIZ, 1978, p. 86). Este parece ser o conceito mais adequado para analisarmos o nosso continente.

Com exemplos contemporâneos de transculturação, tentarei explicitar este movimento de “ir e vir” ao qual se refere Ortiz. Primeiramente, tratarei da situação dos migrantes mexicanos nos Estados Unidos. Antes de tudo, é necessário dizer que, ao cruzarem a fronteira, já não são mais chamados de mexicanos, pois no espaço norte-americano recebem uma nova denominação e passam a se reconhecer como “chicanos”<sup>1</sup>; palavra usada inicialmente de forma pejorativa, mas em seguida assumida pelos líderes dos direitos das minorias e pelos chicanos mesmos como denominação certa para uma realidade evidente. Essa comunidade tem desenvolvido um sólido conjunto de manifestações culturais próprias, com expressões na pintura, na dança e na literatura<sup>2</sup>. São tão importantes e manifestas as singularidades desta realidade cultural, que foram criados, dentro dos Estados Unidos, Centros de Estudos Chicanos em várias universidades.

Também é consequência de um processo de transculturação, a criação de uma sub-língua em decorrência do encontro de falantes de inglês e de falantes de espanhol, o novedoso “spanglish”<sup>3</sup>. Atualmente, muitos linguistas têm se mantidos ocupados estudando o advento dessa nova linguagem e, de forma análoga, os puristas têm tentado examinar como conservar as particularidades de cada uma dessas línguas.

<sup>1</sup> O termo se disseminou nas décadas de 60 e 70, no sudoeste dos Estados Unidos.

<sup>2</sup> Como a cultura anglo-saxão lida com a crescente hispanização? Interrogante analisada por Sonia Torres em *Nosotros in USA*. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.

<sup>3</sup> Palavra formada pelas primeiras sílabas de “Spanish” e “English”. Não só os chicanos se expressam com essa nova modalidade; a comunidade porto-riquenha de Nova York não fala nem inglês nem espanhol, se comunicam através do “nuyoricans”, neologismo formado por alguns fonemas do nome da cidade e do gentílico. Atualmente, o filólogo mexicano Ilan Stavans esta traduzindo *Don Quijote* para o spanglish como um ato de legitimação dessa fala: “In un placete de La Mancha of which nombre no quiero remembrearme, vivia, not so long ago, uno de esos gentlemen who always tienen una lanza in the rack”.

Um outro exemplo de transculturação se manifesta nas cidades fronteiriças, onde a mútua influência enriquece ambos os grupos. Esta realidade se observa hoje, por exemplo, nas cidades de fronteira entre o Brasil e o Paraguai. Criou-se aí um expressivo grupo social chamado de “brasiguaios”, que surge da imigração de brasileiros para o leste do Paraguai em busca de terras na década de 70 do século passado, e que hoje somam mais de 500 mil pessoas<sup>4</sup>.

No atual mundo globalizado, a transculturação é um fenômeno muito mais complexo, vivido nos mais diversos lugares como consequência do enorme desenvolvimento das comunicações e das tecnologias. No entanto, é importante notar que esse dinamismo de troca de informações está submetido a um poderio econômico, fator que domina cada região e cada sociedade. É nesta situação que a gente se pergunta sobre o perfil cultural que tem a América Latina, região historicamente dominada pelos imperialismos reinantes em cada momento histórico – ibérico, francês, inglês e norte-americano – e que hoje é um conjunto de nações formadas por tantas e tão diversas culturas – as nativas, a dos conquistadores, as africanas, a dos imigrantes, as das minorias, as de classe social. Questão desafiante, sobretudo quando formulada numa época de imensas desigualdades e disparidade de oportunidades dentro de um mesmo Estado nacional.

Por outro lado, não podemos negar que, na atualidade, a humanidade está muito mais ligada e inserida na diversidade cultural que o mundo nos apresenta, mas também é evidente que não se pode falar de uma única cultura, já que isto seria uma impossibilidade lógica segundo tem argumentado Clifford Geertz<sup>5</sup>. No entanto, é evidente que se levanta como hegemônica a cultura do dinheiro – colocação de Frederic Jameson – que tenta impregnar às sociedades ricas e periféricas um conjunto de normas, regras, gostos, modas, isto é, novos comportamentos nos indivíduos<sup>6</sup>.

Então deixando de lado a via unilateral como sugere o conceito de aculturação e escrutando o dinamismo que apresenta a realidade atual do mundo onde surgem, como vimos acima, caminhos de correspondências, é aceitável falar de transculturação. Porém, com que terminologia abarcamos a situação interna de cada uma das nações latino-americanas onde existem culturas heterogêneas? Como sabemos, as fronteiras geográficas, artifícios arbitrários e recentes, deixaram grupos étnicos separados por divisões aleatórias como aconteceu como os yanomami, situados no Brasil e na Venezuela, com

<sup>4</sup> Tema estudado por Márcia Anita Sprandel, “Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais”, UFRJ, 1992 (dissertação). Sylvain Souchaud, *La formation d'un espace “bresiguayen” dans l'Est du Paraguay*, Université de Poitiers, 2000 (tese).

<sup>5</sup> Ele fundamenta que não existe natureza humana independente da cultura, isto é, o homem se completa através de seus padrões culturais, que o leva a comportamentos determinados. “O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem”. *A interpretação das culturas* (1973). Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 25-39.

<sup>6</sup> *A cultura do dinheiro. Ensaio sobre a globalização*. Petrópolis: Vozes, 2001.

os xuar que transitam entre o Equador e o Peru, com os guarani habitando a Argentina – na província de Misiones, Jujuy e Salta –, o Brasil e o Paraguai e com os aimara estabelecidos no Peru, na Bolívia e no Chile. Pois então, com que conceito nos podemos referir ao intercâmbio de termos linguísticos, de hábitos alimentícios, de manifestações artísticas surgidos, pela influência mútua, nessa realidade? Essa conexão recíproca exige uma ferramenta terminológica que a distinga da transculturação porque a situação é diferente: não se trata de povos fronteiriços, ao contrário é uma condição assentada internamente em cada nação latino-americana. Para tal fato acompanho a reflexão proposta por Néstor García Canclini quem sugere denominar nosso *crisol* cultural de *culturas híbridas* ou, para outros de culturas mestiças. Embora o argentino empregue esse termo para se referir à mistura do erudito e do popular, o gosto das elites e o gosto das minorias<sup>7</sup> eu adapto aqui o termo para tentar entender a feição específica que se vive em cada país da América Latina.

Nesta reflexão sobre o dinamismo cultural atual, não está demais lembrar os acontecimentos do passado, e perceber que o diálogo entre as culturas não é um fenômeno recente. Ao contrário, esta aproximação entre mundos diversos é a base da formação da civilização ocidental. Os alicerces, como sabemos, provêm de outro âmbito, de processos de desenvolvimento, transformação e intercâmbio culturais muito mais antigos, como o do Egito, da China, da Índia e dos povos árabes, que foram as regiões de onde vieram diversas matérias-primas fundamentais, como a pólvora e as especiarias; além de objetos tão importantes quanto a bússola, o papel e o sistema de imprensa – inventado pelos chineses –, os números árabes e o zero – também conhecido pelos maias –, a álgebra e o xadrez, proveniente da Índia.

Mas não é somente por estes produtos que a cultura oriental se faz presente em nossa civilização. A forma religiosa que mais força e dimensões adquiriu em nossas sociedades, e que foi o poder ideológico da conquista ibérica no continente americano, também foi trazido do outro lado do mundo: o cristianismo, raiz da civilização ocidental.

Surgiu, naqueles tempos, um movimento de Oriente a Ocidente. Hoje, o fluxo cultural parece conduzir a uma tendência oposta – do Ocidente ao Oriente –, devido ao trânsito tecnológico e à abertura de novos mercados para as economias centrais. Os estudiosos do comércio internacional estão atentos para as possibilidades desafiantes que se abrem no mundo oriental, especialmente na China, que só em 2007 alcançou um crescimento de um 11,9% e um 9% para 2008, segundo o Banco Mundial. Por outro lado, a orientação estratégica que os Estados Unidos adotaram em relação à penetração da sua cultura no mundo asiático reflete-se nas palavras do analista político norte-americano Francis Fukuyama, quando avalia o comportamento dessa nação frente à sua influência

<sup>7</sup> *Culturas híbridas* (1989). São Paulo: Edusp, 1997.

no Oriente. De modo bastante maquiavélico, afirma que a maneira “mais direta com que a cultura popular norte-americana pode ajudar aos interesses dos Estados Unidos e acabar com o déficit comercial é transmitir o individualismo, o consumismo e o narcisismo norte-americano a essas sociedades asiáticas tão disciplinadas e eficientes”<sup>8</sup>.

### Um diálogo cultural

O intercâmbio entre as culturas está presente nas mais diversas produções da sociedade. Para dar um exemplo da vasta comunicação existente hoje, vejamos o que acontece com o *rap*<sup>9</sup> que surge nos Estados Unidos e que foi uma criação dos adolescentes hispânicos e negros, baseado em esquemas musicais africanos de chamada e resposta. Em toda a América Latina, este ritmo tem penetrado com sucesso. Na letra de *Língua* (1984), poema-canção composto por Caetano Veloso, observamos como as diferentes falas culturais de âmbitos diversos comunicam-se eficientemente, criando assim um diálogo intercultural. Analisamos somente alguns versos desta longa composição:

Gosto de sentir a minha língua roçar  
 A língua de Luís de Camões  
 Gosto de ser e de estar  
 E quero me dedicar  
 A criar confusões de prosódias  
 E uma profusão de paródias  
 Que encurtem dores  
 E furem cores como camaleões  
 Gosto do Pessoa na pessoa  
 Da rosa no Rosa  
 [...]
   
 E deixe os portugueses<sup>10</sup> morrerem à míngua  
 Minha pátria é minha língua  
 Fala Mangureira!  
 Fala!

<sup>8</sup> Apud. José Joaquín Brunner. *Globalización cultural y posmodernismo*. Santiago: FCE, 1998, p. 153.

<sup>9</sup> O termo rap em inglês é a abreviatura de “rhythm and poetry”.

<sup>10</sup> Faz uma lembrança paródica às palavras que o francês Jacques Lambert emprega em seu livro titulado *Os dois Brasis*, São Paulo, 1959.

Caetano começa homenageando a língua portuguesa, lembrando alguns de seus escritores eruditos: Camões, Fernando Pessoa, Guimarães Rosa – “confusões de prosódias” – e os populares, como Noel Rosa, sem esquecer os compositores das escolas de samba, com o grito “fala Mangueira!”, com o intuito de promover a “profusão de paródias”, que é o que consegue com seu próprio poema. No fim do samba-*rap*, o autor manifesta claramente a sua mensagem social: “eu não tenho pátria: tenho mátria e quero frátria”, e termina o poema com um emaranhado diálogo com diversas expressões artísticas:

Poesia concreta, prosa caótica  
 Ótica futura  
 Samba-*rap*, chic-left<sup>11</sup> com banana  
 Será que ela está no Pão de Açúcar?  
 Tá *cräude* brô você e tu lhe amo  
 Que queu te faço, nego?  
 Bote ligeiro  
 Nós canto-falamos como quem inveja negros  
 Que sofrem horrores no gueto de Harlem

Livros, discos, vídeos à mancheia<sup>12</sup>  
 E deixa que digam, que pensem, que falem.

Além de querer um planeta fraterno – “quero frátria” –, Caetano se lembra dos poetas Haroldo e Augusto de Campos e de Décio Pignatari junto ao trocadilho da canção de Gilberto Gil: academi-cismo de vanguarda unido à cultura popular e à fala dos surfistas cariocas. É este tipo de manifestação que García Canclini chama de hibridismo. Mas a fusão tanto de grupos sociais como de tempos e de espaços vai além no texto de Caetano, pois convida também a se unirem a ele os negros de Harlem – bairro de Nova York –, para que juntos aos do Brasil do século XIX, cantados por Castro Alves, e aos contemporâneos (ao lembrar o verso da Jair Rodrigues: “deixa que digam, que pensem, que falem”,

<sup>11</sup> A expressão “chic-left” provem da expressão “radical chick” do jornalista-escritor norte-americano Tom Wolfe em seu livro *Radical Chick & Mau-Mauing the Flak Catchers* (1970), sobre a fricção racial nos Estados Unidos; em português *Radical chique e o terror dos RPs*. Rocco, 1997.

<sup>12</sup> Será que Caetano está lembrando os versos de Castro Alves: “Oh bendito o que semeia/ livros, livros à mão cheia/ E manda o povo pensar!”? O compositor atualiza a expressão com “discos, vídeos à mancheia”.

samba falado de tradição africana) enriqueçam seu samba-*rap*. Neste poema temos um contundente exemplo de intercâmbio de culturas.

### **Aculturação, transculturação ou hibridismo?**

Retomando o tema dos mexicanos migrantes nos Estados Unidos, é válido perguntar se o movimento chicano corresponde a um processo de aculturação (que é a perda de uma cultura própria) ou se obedece a um processo de transculturação. Com que parâmetros de interpenetração podemos fazer a distinção entre esses conceitos? Em nível teórico, é complexo se manifestar por uma ou outra noção. Sem dúvida, a influência mútua entre aquelas duas comunidades é uma realidade evidente e, dado o processo de globalização que se vive hoje, trata-se mais de um diálogo transcultural que da assimilação de uma cultura em detrimento de outra. Um escritor atento ao dinamismo do mundo, como é José Saramago, avalia que cada cultura é em si mesma um “universo potencialmente comunicante e receptivo; o espaço que as separa é o mesmo espaço que as une, como o mar separa e une os continentes”<sup>13</sup>. Poderíamos dizer, então, que as diversas culturas atuam no mundo como espécies de vasos comunicantes.

Talvez esclareçamos ainda mais a interpenetração de fatores com o exemplo que aponto a seguir; vejamos o que acontece até hoje com as expressões religiosas decorrentes da diversidade étnica presente na América. Produz-se uma fusão de elementos culturais diferentes e até mesmo antagônicos. Um exemplo é a manifestação religiosa da *umbanda*, originária do Rio de Janeiro e formada pelos cultos afro-brasileiros, pelo espiritismo, pelo catolicismo e pelo ocultismo. Esta fusão de elementos díspares dá origem ao sincretismo, conceito que descreve a conservação de noções originárias, nas quais se incrusta uma nova realidade, sendo ainda reconhecíveis os elementos nativos mais antigos. Também, por que não, poderia ser chamado de transculturação.

O processo de influência que se registra a partir dos anos 50 e 60 do século passado em relação às religiões afro-brasileiras, batuque e umbanda<sup>14</sup>, para as sociedades de Uruguai e da Argentina, países que recebem os pais e mães-de-santo do estado de Rio Grande do Sul, é paradigmático para

<sup>13</sup> *Plural*, 278, México DF (1994), p. 14.

<sup>14</sup> No Rio Grande do Sul organizou-se uma religião de origem africana – denominada batuque – de forma independente do saber outorgado pelo *candomblé*; cultua doze orixás; deu-se nas cidades de Rio Grande e Pelotas e se espalhou depois pelo Estado; foram essas cidades onde se concentrou a maior parte dos escravos envolvidos na indústria do charque desde o século XVIII. A umbanda cultua caboclos, pretos velhos, crianças e povo do oriente. A primeira casa em Rio Grande do Sul foi fundada em 1926. Ari Pedro Oro, *Axé mercosul. As religiões afro-brasileiras nos países do Prata*. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 18-19.

exemplificar a conexão existente entre situações similares, mas surgidas em campos sociais diferentes. Existem atualmente em Montevidéu, mais de duzentos terreiros ou *templos* e na cidade de Buenos Aires ao redor de mil. A interpenetração nas sociedades hispânica e brasileira da região do Prata é tão evidente que os pais e mães-de-santo conservam seus nomes de origem européia junto à denominação do deus africano. Alguns exemplos para ilustrar: Hugo Watemala<sup>15</sup> de Iemanjá, Alfredo Echegaray de Ogum, Juan Aguirre<sup>16</sup> de Oxum, Peggy de Iemanjá. Outra amostra desta síntese cultural é o *vodu*, formado pelos rituais das diversas religiões africanas e o catolicismo. É praticado no Haiti e em Cuba, e neste último país é conhecido pelo nome de *santería*.

Além dessas manifestações religiosas, dá-se em relação às línguas autóctone e o espanhol uma necessária comunicação. Tanto em regiões da Argentina, como da Bolívia, do Chile e do Peru um número considerável de cidadãos fala as línguas aborígenes, embora não sejam idiomas oficiais. O único Estado latino-americano que tem como língua oficial da nação tanto o castelhano quanto uma língua autóctone é o Paraguai ou *Tetã Paraguái*<sup>17</sup> (em guarani). Esse reconhecimento da antiga língua falada nas missões jesuíticas dos séculos XVII e XVIII ocorre a partir da promulgação da nova constituição do Paraguai, em 1992. Assim, o guarani, falado por vários milhões de pessoas, passou a ser ensinado sistematicamente no currículo da educação básica desse país. Porém, com o passo do tempo, a antiga língua tem sofrido enorme influencia formando uma grande mistura que os paraguaios a denominam *jopará* (mescla em guarani) ou, inclusive, certos linguistas a distinguem como o guarani paraguaio. Recentemente, em 2007, essa língua teve um ganho político importante, pois forma parte, junto ao espanhol e o português, como língua oficial do Mercosul.

Sobre os processos culturais, atualmente há reflexões vinculadas com os mais diversos interesses e disciplinas – antropologia, comunicação, estudos culturais, filosofia, linguística, literatura, sociologia. A dinâmica enfrentada pelo mundo em geral, e pela América Latina em particular, em relação à penetração da globalização, tem permitido repensar os aspectos culturais e a sua incidência na organização social. Estudiosos como Néstor García Canclini, Jesús Martín Barbero, Renato Ortiz, entre outros, têm avançado extraordinariamente em esclarecer como funcionam as interpenetrações culturais no espaço comunicativo em que hoje se movimenta o mundo. Ver Canclini, Barbero e Ortiz.

<sup>15</sup> Sobrenome de origem judaico-alemã.

<sup>16</sup> Etchegaray e Aguirre são nomes de origem basca.

<sup>17</sup> Em agosto de 2008, quando tomou posse o presidente Fernando Lugo seu discurso foi em Guarani e pela primeira vez, nesta solenidade, cantou-se o Hino Nacional em Guarani. Pelas ruas estava escrito: “Paraguay: epu’ã ha eguata – Paraguay: levántate y anda”.

### Referências Bibliográficas

- BARBERO, Martín. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- BRÜNNER, José Joaquín. *Globalización cultural y posmodernismo*. Santiago: FCE, 1998.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas* (1989). São Paulo: Edusp, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas* (1973). Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- \_\_\_\_\_. *A cultura do dinheiro. Ensaio sobre a globalização*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- ORO, Ari Pedro. *Axé mercosul. As religiões afro-brasileiras nos países do Prata*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- SARAMAGO, José. *Plural*. 278, México DF (1994).
- TORRES, Sonia. *Nosotros in USA*. São Paulo: Jorge Zahar, 2001.

Recebido em 22 de março de 2009

Aprovado em 25 abril de 2009